

ANÁLISE DOS DISCURSOS MÉDICOS NA IMPRENSA SOBRE AS EPIDEMIAS DE DENGUE NO BRASIL

Renato da Silva (UNIGRANRIO)
redslv333@gmail.com

RESUMO

Entre os anos de 1986 e 1990, as epidemias de dengue atingiram alguns estados das regiões Sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais) e Nordeste (Pernambuco, Alagoas, Ceará e Bahia). A população passa a ser informada pelos jornais sobre as novas ameaças que atingem o território nacional. A partir da década 1990 as epidemias de dengue tornam-se mais frequentes e o conhecimento sobre a doença passou ser estruturado pelos meios de comunicação. O objetivo do trabalho é analisar os discursos médicos produzidos sobre as epidemias de dengue divulgados na imprensa. Neste sentido, é fundamental avaliar os acordos e desacordos dessa tradução.

Palavras chaves: Epidemias. Dengue. Discursos médicos. Imprensa.

1. Introdução

A proposta para essa etapa de minha produção acadêmica é aprofundar as questões que foram levantadas no meu projeto de pesquisa "Mosquitos, Cidades e Educação: o legado da Campanha Nacional de Erradicação da Malária (1958-1965) para o combate as epidemias de Dengue, Zika e Chikungunya" (Jovem Cientista do Nosso Estado – FAPERJ), que estabelece a relação da campanha mundial de erradicação da malária com o combate as epidemias de dengue, zika e chikungunya na esfera global.

O campo de análise do projeto atual passa a ser o contexto nacional e as campanhas de controle e prevenção de epidemias. Neste sentido, a compreensão histórica das epidemias de dengue que assolaram (e assolam) os verões brasileiros pós-1980 é fundamental para a formulação de políticas de saúde mais eficazes.

O objetivo do trabalho é analisar os discursos médicos produzidos sobre as epidemias de dengue divulgados na imprensa. Desse modo, é fundamental avaliar os acordos e desacordos dessa tradução.

2. História da dengue no Brasil

A primeira referência à dengue no Brasil data o ano de 1846. Na

década de 1986, a dengue uma doença reemergente passa a ser considerada epidemiológica, quando ocorre a epidemia no Estado do Rio de Janeiro e rapidamente atinge a Região Nordeste. Neste contexto, a dengue se tornou endêmica no Brasil, com episódios cada vez mais frequentes de epidemias, com aparecimento de novos tipos e variações da doença. Entre os anos de 1986 e 1990, as epidemias de dengue atingiram alguns Estados das Regiões Sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais) e Nordeste (Pernambuco, Alagoas, Ceará e Bahia). Em 1990, surge um novo sorotipo da doença. A Dengue 2 agrava a situação no Estado do Rio de Janeiro (BRAGA & VALE, 2007). Outros tipos de dengue vão surgindo na passagem do século XX para XXI (Dengue tipo 3- ano 2000; Dengue tipo 4- ano 2010).

Em 2003, foram registrados quase meio milhão de casos de dengue nas Américas, dos quais, aproximadamente, dez mil eram de dengue hemorrágica. Metade dos casos notificados ocorreram na América do Sul. Além da participação da campanha de erradicação da malária da OMS na década de 1950, o Brasil já participou de campanhas de erradicação *Aedes aegypti* nas décadas de 40 e 50 do século XX promovidas pela OMS. Houve sucesso temporário em algumas regiões. Com a criação da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam) substituindo o Departamento de Endemias Rurais foi anunciado precocemente à erradicação do vetor da Dengue em 1973. Três anos depois a doença está de volta.

3. O discurso bélico sobre a dengue na imprensa: a guerra entre homens e mosquitos

Duzentos soldados das Forças Armadas (100 do Exército e 100 da Aeronáutica) vão *reforçar o combate à dengue* em Jaboatão dos Guararapes, cidade onde foi confirmada a primeira morte por dengue este ano em Pernambuco. (*Jornal do Comércio*, 23/02/2002)

[...] Vamos ocupar *palmo a palmo* o território da cidade [...] o êxito na luta contra a dengue depende da parceria de todos. (Luciano Siqueira, viceprefeito do Recife, *Jornal do Comércio*, 13/05/2008)



[...] *Visitar, identificar e destruir* são as palavras de ordem da tropa, composta por militares efetivos e iniciantes do serviço militar [...] (*Jornal do Comércio*, 20/05/2008).

Exame físico bem feito e um teste laboratorial usado o diagnóstico de qualquer infecção – o hemograma – são *armas* indicadas por infectologistas e sanitaristas para garantir uma avaliação segura das pessoas com sinais de dengue e evitar morte. (*Jornal do Comércio*, 09/07/2006).

ODIA | QUARTA-FEIRA, 23-1-2013

saúde

Raios gama esterilizam mosquitos da dengue

Técnica em teste na USP será usada para combater e controlar o *Aedes aegypti*

Sempre que fica irritado, o cientista Bruce Banner transforma-se no Incrível Hulk, um dos personagens mais conhecidos das histórias em quadrinhos. Esse efeito é consequência de sua contaminação por raios gama. Se isso tivesse acontecido na vida real, certamente Banner teria sido incinerado. Em São Paulo, cientistas da USP estão usando raios gama para esterilizar o mosquito transmissor da dengue, o *Aedes aegypti*.

Devido à sua alta energia, a radiação gama causa danos no núcleo das células. Por is-

so é usada para esterilizar equipamentos médicos e alimentos. Os cientistas da USP descobriram que o uso dos raios gama em baixa dose afeta a capacidade reprodutiva do mosquito. O *Aedes* não morre, mas fica estéril.

Segundo os autores do estudo, a irradiação nos mosquitos não causa danos ao meio ambiente. A aplicação é feita nos mosquitos machos em sua fase de pupa, quando seus órgãos já estão maduros. Depois eles serão soltos no ambiente, onde terão de brigar com mosquitos ma-

VÍRUS LETAL

20 MIL

É o número de mortes por dengue anualmente, em todo o mundo. Dois milhões de casos foram registrados em 100 países nos dois últimos anos, diz OMS

3.038

Número de casos suspeitos de dengue no estado do Rio de Janeiro, de 1 a 19 de janeiro deste ano

chos saudáveis pelas fêmeas. Como são estéréis, os ovos liberados pelas fêmeas não eclodem. Assim, pesquisadores esperam controlar a população de mosquitos. Por enquanto, o teste está sendo feito em ambiente controlado.

A dengue mata pelo menos 20 mil pessoas ao ano no mundo, e ainda não há vacina para prevenir a doença. Só no Estado do Rio, no período de 1 a 19 de janeiro deste ano foram notificados 3.038 casos suspeitos de dengue. A melhor prevenção é acabar com focos do mosquito.

Ações de combate à dengue no RJ recebem apoio da Alemanha [...] Além de armadilhas para capturar os mosquitos, eles usam uma espécie de aspirador que suga grandes quantidades do inseto para levá-los ao laboratório, onde são catalogados por gênero e raça. (*O Tempo*, 27/06/14)

Dengue dá trégua em ano de epidemia da nova gripe: Secretaria de Saúde confirma 4 mortes este ano no Rio de Janeiro. Foram registrados 9.707 casos contra 252.347 no mesmo período de 2008. (*O Globo*, 16/08/09)

Nova frente no combate ao mosquito da dengue: Fiocruz faz testes com mosquitos da dengue para combater a doença [...]. (*O Globo*, 24/07/14)

Uma doença democrática: chegada da dengue ao Sul do país pode ser uma consequência do aquecimento global. (*Ciência Hoje*, 07/03/2016)

“O mosquito está vencendo a batalha”, diz pesquisador da Faculdade de Saúde Pública da USP (*Estadão*, 17/05/2015).



Os discursos médicos produzidos na imprensa sobre a dengue sinalizam o estado de guerra que se encontra a população. Os mosquitos são os inimigos dos homens. A sociedade brasileira corre perigo “mortal cada” ano no período do verão. Dessa forma, os jornais informam a população sobre ameaça da dengue. A ênfase num discurso bélico, tem como o objetivo de convocar os cidadãos para a batalha, no entanto, pouco se discute sobre a importância da educação no enfrentamento da epidemia.

Neste contexto bélico, o caráter interdependente da doença é a princípio colocada em segundo plano. Uma discussão mais profunda sobre ações coletivas produziria respostas mais efetivas no tratamento da dengue. Isto é, dengue é uma doença que exige comunicabilidade entre os indivíduos e sociedades.

No Brasil, os mosquitos perderam para homens em grande parte do território nacional, mas continua endêmica na região amazônica, re-

gistrando momentos elevados de casos de malária por exemplo. O ano de 2000 registrou mais de 600 mil infectados levando a 245 óbitos. Segundo o Ministério da Saúde em 2011, 99,7% dos casos de transmissão de malária estão concentrados nos estados do Pará, Amazonas, Rondônia, Acre, Amapá e Roraima. As guerras entre os homens e os mosquitos não terminaram, as transformações biológicas são quase proporcionais aos progressos científicos. As guerras entre os homens e os mosquitos, são na verdade a guerra entre o homem e a natureza, onde predomina a ausência de um programa educacional durante todo ano. As epidemias de dengue que durante quase quatro meses ocupa as primeiras páginas dos jornais, é silenciada na imprensa no restante do ano.

4. Considerações finais

As guerras entre os homens e os mosquitos não terminaram, as transformações biológicas são quase proporcionais aos progressos científicos. As guerras entre os homens e os mosquitos, são na verdade a guerra entre o homem e a natureza. O discurso bélico sobre a dengue produzido pela imprensa parece enfraquecer o caráter educacional que a epidemia exige para ser tratada.

Em 11 de novembro de 2015, o Ministério da Saúde reconheceu a primeira epidemia do vírus Zika no Brasil. Uma doença nova no país que assombrou e assombra gestantes devido as complicações do vírus que podem ocasionar a microcefalia nos recém-nascidos (MCNEIL, 2016; DINIZ, 2016). Surto da chikungunya na região sudeste ocorrem a partir de 2015. Se torna epidêmica no nordeste brasileiro em meados de 2016. Com 60.000 casos confirmados de chikungunya no Ceará que tem o maior índice do país (Agência Brasil, 2017). As epidemias de dengue, zika e chikungunya estão se tornando mais frequentes, a cada verão inicia um ciclo epidêmico que pode atravessar a estação quente. O embate entre os homens e mosquitos está cada vez mais mortal, com perdas significativas para os seres humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCHIMOL, Jaime Larry. O combate ao *Anopheles gambiae*. In: _____. (Coord.). *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001, p. 168-173.

BRAGA, Ima Aparecida; VALLE, Denise. Aedes aegypti: histórico do controle no Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, vol. 16, n. 2, p. 113-118, 2007.

CUETO, Marcos. *Cold War, deadly fevers: malaria eradication in México, 1955-1975*. Washington, DC: Woodrow Wilson Center Press; Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007.

_____. Los ciclos de la erradicación: la Fundación Rockefeller y la salud latinoamericana, 1918-1940. In: CUETO, M. *Salud, cultura y sociedad en América Latina: nuevas perspectivas históricas*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos/Organización Panamericana de la Salud, 1996.

DINIZ, Debora. *Zika: do sertão nordestino à ameaça global*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DONALISIOI, Maria Rita; FREITAS, André Ricardo Ribas. Chikungunya no Brasil: um desafio emergente. II Revista Brasileira de Epidemiologia, vol. 18, n. 1, p. 283-285, jan-mar 2015.

FERRAZ, Luiz Marcelo Robalinho; GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. A construção discursiva sobre a dengue na mídia. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, vol. 15, n. 1, p. 6374, mar. 2012.

HOCHMAN, Gilberto. From autonomy to partial alignment: national malaria programs in the time of global eradication, Brazil, 1941-1961. *CBMH/BCHM*, vol. 25, n. 1, p. 161-192, 2008. Disponível em: <<http://www.utpjournals.press/doi/abs/10.3138/cbmh.25.1.161>>.

HOCHMAN, Gilberto; MELLO, Maria Tereza Bandeira de; SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. A malária em foto: imagens de campanhas e ações no Brasil da primeira metade do século XX. *História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro: Fiocruz, vol. 9 (Suplemento), p. 233-273, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v9s0/10.pdf>>.

MCNEIL, Donald. *Zika: a epidemia emergente*. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

PACKARD, Randall M. Malaria dreams: postwar visions of world. *Medical Anthropology*, vol. 17, p. 279-296, 1997.

PAULINI, Ernest. Considerações sobre o emprego de inseticidas em campanhas contra a malária. *Revista Brasileira de Malariologia e Doenças Tropicais*, Rio de Janeiro: Divisão de Cooperação e Divulgação – DNERu/ Ministério da Saúde, vol. 14, n. 1/2, p. 116, 1962.

SILVA, Renato da; PAIVA, Carlos Henrique Assunção. The Juscelino Kubitschek government and the Brazilian Malaria Control and Eradication Working Group: collaboration and conflicts in Brazilian and international health agenda, 1958-1961. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol. 22, p. 95-114, 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v22n1/pt_0104-5970-hcsm-22-0100095.pdf>.

SILVA, Renato da; HOCHMAN, Gilberto. Um método chamado Pinotti: sal medicamentoso, malária e saúde internacional (1952-1960). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol. 18, n. 2, p. 519-543, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v18n2/12.pdf>>.

SOPER, Fred. L. *Anopheles gambiae* in Brazil. In: _____. (Ed.). *Ventures in world health: the memoirs of Fred Lowe Soper*. Washington, DC: Pan-American Health Organization, vol. 355, p. 201 et seq., 1977.